

SONHANTES

Fernando Carlos

2022

1ª Cena

O tema de abertura traz o nascimento de um novo dia, o sol num ritmo tímido ilumina o palco apresentando o cenário onde estão José e os dois irmãos trabalhando na oficina de casa... A música ganha corpo enquanto José se afasta, encontra o violão e mantém uma conversa silenciosa com o instrumento. Neste momento o tema instrumental vai-se despedindo do ambiente, dando lugar ao solo triste do violão de José.

José

Desde os meus dez anos

Aqui parado

Na companhia dos meus manos

E tudo que tenho cercado

Com chaves e pneus

Dou vida a novos carros

Mas mato sonhos meus

E na solidão me amarro

Só quero ser cantor

E com o poder da voz

Ao mundo espalhar amor

E perfumar os corações

Pai

Para seres homem de verdade

Tens que aprender profissão

Sonhar é só vaidade

Pois nem sempre traz o pão

Irmão 1

Maninho o papá tem razão

Pobre não pode sonhar

Fica como o teu irmão

Pensa apenas em trabalhar

José

Só quero ser cantor

E com o poder da voz

Ao mundo espalhar amor

E perfumar corações

José: Um dia serei grande e vocês vão ver-me a brilhar, em cima de palcos banhados de luzes, mãos cantando aplausos e bocas chamando o meu nome.

(Ouvem-se vozes em off a chamarem por José e depois a buzina de um carro que desperta José do sonho que imaginava)

José: O céu não terá espaço para a grande estrela que serei. (irmão 1 apostava com José)

Irmão 1: (irónico) Será sim uma estrela, José o maior mecânico da vila da Mata!

(Irmão 1 solta altas gargalhadas, convida o irmão 2 para o acompanhar no sorriso exagerado, mas este nega. José irrita-se e deita o violão no chão. O irmão 2 apanha o instrumento e dá-lhe especial atenção, toca as cordas desafinadas, enquanto o pai entra, cantando pai e filho um acaso cheio de propósito)

Pai

Não sei um mais um

E nem soletrar

Seria só mais um

Mas a profissão me veio salvar

(Entram os bailarinos vestidos de vendedores ambulantes e outras personagens da sociedade Angolana)

Todos

Trabalho, trabalho

Trabalho sem parar

Trabalho, trabalho

Pra me sustentar

Empresário

Cedo tenho de levantar

Pronto pra comprar e vender

Só tarde me vou deitar

Amanhã o mesmo tem de ser

Todos

Trabalho, trabalho

Trabalho sem parar

Trabalho, trabalho

Pra me sustentar

Jogador

Treino duas vezes ao dia

Para o adversário enfrentar

Perco nem sempre

Empato às vezes

Mas um dia irei ganhar

Professor

Instruo o homem novo

Para construir o futuro

Deste lindo povo

Do Samba e Kuduro

Jogador e o Professor

Trabalho, trabalho

Trabalho sem parar

Trabalho, trabalho

Pra nação orgulhar

Bombeiro

Um incêndio atrai o outro

Lá estou eu a apagar

Mas se um caso acaba em morto

Vão todos logo culpar

E o salário que é tão pouco

Não sei quando vão pagar

Político

Sei que nem tudo está bem

Como o salário atrasado

Mas já fizemos o bem

E merecemos aplauso

Todos

Trabalho, trabalho

Trabalho sem parar

Trabalho, trabalho

Pra o país melhorar

(Entra um mendigo, todos ficam ansiosos para o ouvirem cantar o seu verso, mas este para lhes fazer a vontade, estende as mãos à espera de trocados, todos saiem aborrecidos)

Mendigo (a tocar piano) Pedinte é o que me ensinaram a ser, não peço dinheiro nem comida, peço voz, peço voz pra cantar minha canção moribunda, peço palavras para contar minha estória e tapar minhas feridas, mas quando estendo as mãos, todos pensam que peço dinheiro e comida, não passo fome, tenho imaginação para cobrir os custos, cai do céu, mas não me perguntei como é Deus se dizer terei de em seguida me suicidar.

(O palco escurece enquanto o mendigo repete o mesmo discurso em diferentes tons, neste momento altera-se o cenário, sai de quintal ou oficina para um pequeno parque com uma mulemeira sombrosa)

2^a Cena.

Entram dois ladrões cantando

João 1 e João 2

Trabalho, trabalho

Trabalho sem parar

Trabalho, trabalho

Pra me sustentar

João 1: Ó João 2, fizeste tudo tal como combinado?

João 2: Claro João 1!... fui à missa disfarçado de fiel e roubei tudo de valor para nossas vidas.

João 1: Esse é o meu recruta!... as minhas palmas já te agradecem pela massa. Mostra-ma.

João 2: Ora, ora, aqui temos um livro de cântico, para louvar o Senhor antes de qualquer roubo. Aqui temos a mais valiosa de todas as coisas terrenas, só com ela é possível chegar ao paraíso, com ela o mudo canta, o cego vê...

João 1: São os milagres do santo dinheiro!

João 2: Aqui tens meu instrutor. Eu sei que estás muito orgulhoso de mim.

João 1: Bíblias? Mas o que se passa nesta cabeça de queijo? Somos ladrões não padres, devias roubar a oferta não as Bíblias.

João 2: Pensa, igual eu pensei João 1. O mundo está no fim, se queremos ser ladrões a vida toda, temos que seguir os mandamentos de Deus, assim seremos os únicos ladrões nos céus.

João 1: Bela ideia João 2.

João 2

Que lindo será roubar no paraíso

Sem a Polícia sempre atrás

Roubar frutas, sorrisos

Carinho, felicidade e paz

João 1

Vamos ser os ladrões Magos

Não poupa, esbanja

Faz estrago

Depois Deus arranja

(Enquanto dançam e cantam João 2 dá encontro com Maria, a bacia de laranjas que carrega vai para o chão, enquanto ela tenta apanhar as laranjas pelo palco, eles brincam e o João 2 apanha duas delas)

Maria: Devolvam-me as laranjas, senão a minha tia é capaz de me pôr na sopa.

João 1: Eu gostaria muito de provar!

João 2 e João 1

Que lindo será roubar no paraíso

Sem a Polícia sempre atrás

Roubar frutas, sorrisos

Carinho, felicidade e paz.

(Maria corre atrás dos ladrões, eles fazem jogos com as laranjas, Maria entrega-se ao desafio de pegar as laranjas, quando só já faltavam duas, que eles tem uma em cada mão. Os ladrões fogem para fora do palco pela plateia. Maria persegue-os e pede a ajuda do público para ter sucesso o que não deve acontecer, ela volta esgotada, senta-se no palco a chorar silenciosa)

3ª Cena

Entra José com suas malas em direcção a nada, vê Maria sentada pousa as malas e vai ter com ela. Ouve-se ao fundo, como se silencio fosse, o som do piano a acompanhar a cena sem intenção de ser parte dela.

Maria: (a limpar as lágrimas) Moço, acho melhor segurares as suas malas, há ladrões por aqui (olha para plateia) e as pessoas aqui não ajudam a agarra-los!...

José: Obrigado, Moça. Porque tens o rosto banhado de lágrimas?

Maria: É o único lugar que elas têm para cair.

José: Qual o motivo? Pois nenhuma lágrima cai de graça.

Maria: Perguntar a uma pobre menina porque chora, é o mesmo que perguntar a uma senhora rica porque tem tantas jóias, olha se aos ricos não falta dinheiro aos pobres não faltam problemas!

José: Talvez tenhas razão, chamo-me José e tu, chamas-te pobre?

Maria: Claro que não! Não sou tão pobre ao ponto de não comprar um nome. Chamo-me Maria.

(O som do piano é agora acentuado, a luz foca na Maria, tudo a volta do palco é escuridão)

Maria

Sou Maria Madalena

Filha de toda a tristeza

Perdi meus pais em pequena

E para minha surpresa

Vim viver com minha tia

Aqui na capital

Não conheço a alegria

Minha vida é sem sal

Ralha-me todo dia

Faz-me tanto mal

Percorro todo dia

As ruas da cidade

O sol me desafia

E tenho de vender

Para alimentar sua majestade

Maria: Lembro-me quando era menina, sonhava ser bailarina, mas com as laranjas, vendo também o meu sonho e a minha infância.

José: Sei como é sonhar.... Deixei a casa para vir atrás do meu sonho. Sonhei sempre que um dia uma Onda azul levou o barco dos meus sonhos até à maré alta das realizações e sucesso... Minha voz cantando acordava os animais e eles vinham alegres dançar.

Maria: O sonho é como um eco, ouve-se, mas não existe.

José: O sonho é uma língua estrangeira e é a nossa missão traduzi-lo para a realidade.

Maria: Tenho de ir.

José: Espero que os nossos passos ainda se cruzem. Diz-me como posso encontrar-te?

Maria: Este sol me conhece bem, se não me vires por aqui pergunta-lhe e ele saberá mostrar-te onde estou. Tenho de vender.

José: Que as estrelas protejam a tua noite, Maria!

(Maria sai do palco. José aproxima-se da Mulembeira imovel até aqui)

Mulembeira: Eu a conheço bem, seus pés não conhecem outro caminho, é por aqui que passa todos os dias e às mesmas horas. Vejo no teu olhar que ficou muito por dizer. O coração tímido é o mais verdadeiro.

José: Acho que ela é a nota para completar a minha Canção! Quando a vi, o meu coração não bateu, apenas cantou.

Mulembeira: Sei como é, eu sentia o mesmo por um Imbondeiro que estava plantado a dez metros daqui as minhas folhas ficavam mais verdes e a sombra mais fresca sempre que o via. Ele também estava apaixonado por mim. Adorava ver-me florir quando o cacimbo chegava. Tínhamos esperança que um dia podíamos mover-nos para um abraço, mas os homens mandaram as máquinas para o matar, para passar asfalto. (olhando para José que adormeceu) Esta história não interessa mesmo a ninguém, até ele acabou por adormecer. (a Mulembeira baixa os troncos e o palco escurece)

4^a Cena

Uma borboleta/humana, voa/desfila pelo palco, Santa surge na janela, assusta-se com a presença dela.

Santa: Tu outra vez, Borboleta infeliz?

Borboleta: Vim visitar a minha amiga Maria, que é uma flor.

Santa: Flor sou eu, a Maria é a minha jardineira. A estas horas está a vender para regar os meus desejos!

Borboleta: És tão feia quanto a tua maldade.

Santa: Feia és tu! Borboleta sem alegria, um dia apanho-te, corto-te as asas para enfeitar o meu cabelo.

Borboleta: Quando eu ensinar a Maria a voar, ficarás só, sem a Maria para te decorar a vida.

Santa: Sonha sentada para não cansar as asas, Borboleta sem alegria.

(Maria entra cabisbaixa, mas Santa puxa-a para a acompanhar, enquanto canta e faz caretas para a Borboleta)

Santa

Vivo como rainha

Com vida prazerosa

Querida é minha sobrinha

Que trata feito rosa.

Inveja vossa, sorte minha

Não se fala noutra coisa

Mas que culpa tenho, se me faz mimosa

Que bela vida

Que vida bela

Não me falta comida

Vivo como estrela

Pequeno-almoço, põe a mesa

Cuida da minha beleza

Será que sou feliz?

Claro! Com certeza

Ela vende muito bem

Quebrou minha pobreza

Cada laranja vale cem

Mil por semana

Não há motivo pra tristeza

Que bela vida

Que vida bela

Não me falta comida

Vivo como estrela

Santa: Então quanto vendeu hoje?

Maria: Faltaram duas, mas culpa minha não foi, nem foi dos fiscais que nos enxotaram como moscas. Nem as comi embora não me faltou vontade. Nem as dei no mendigo que tanto me pediu.

Santa: Então aonde foram as duas laranjas parar? Foram dar um passeio pela cidade?

Maria: Juro que foram dois ladrões, caras iguais às máscaras lundas, cheiravam mesmo a pecadores, roubaram e saíram fazendo a festa.

Santa: Apenas entendi que tu comeste duas inocentes laranjas, vais pagar pelo teu pecado: vais semear esta semente, enquanto não der duas laranjas, tu não mais comerás.

(uma voz off traz até Maria as palavras de José)

Maria: (monologando) Cansei de ser criada. Vou me despir do medo e sair atrás do meu sonho, como fez o José.

Borboleta: Vá querida Maria, pois o sol de amanhã depende da determinação da noite de hoje.

Borboleta

Vai Maria vai

Que a sorte tocou o sino

Tempestade é só caminho

A bonança é que é destino

Vai Maria vai

Que a sorte tocou o sino

Tempestade é só caminho

A bonança é que é destino

5^a Cena

Os actores que aparecem no tema 2 como personagens da sociedade angolana, voltam nesta cena vestidos com o mesmo figurino. José espreguiça-se, de corpo animado ao pé

da Mulembeira, deixa cair sorrisos sem perceber, tem brilho no olhar como se o sol fosse propriedade do seu coração neste momento.

Mulembeira: Bom dia José. Como foi a noite?

José: Melhor que qualquer outra, embora tenha adormecido sobre duros troncos, a noite foi tão refrescante como se tivesse dormido nas nuvens. Sonhei que a minha Canção veio pintar um arco-íris de alegrias, depois da chuva, da tristeza que se abateu contra o nosso povo. Ouvi o Mar cantar na minha voz a melodia que inspira. Compositores a transformarem a Natureza em poemas.

Mulembeira: Esta boa disposição tem nome!

(Maria entra, antes que José responda directamente à Mulembeira)

José: Maria! Desde o último dia deixaste um desejo adulto morando em mim.

Maria: Vim atrás do meu sonho José, quero dançar a vida contigo.

Mulembeira: O amor é um dueto de ritmos diferentes.

José

Sonhos sem tamanho

Ninguém pode calcular

Sei que um dia ganho

O direito de realizar

Na melodia

De um violão

Caso a minha voz

Diz a poesia

Que virou canção

O limite está em nós

Junto ao som da natureza

Que o vento assobia

Batuque que faz riqueza

Vira sopa de magia

José e Mulembeira

Canto Poemas para esta terra

Pra pagar a cicatriz

Que deixou a guerra

Na alma deste país

Canto Poemas para esta terra

Pra apagar a cicatriz

Que deixou a guerra

Na alma deste país

Maria

Transformo a história

Em movimento

Reconstruo a memória

Do baú que tenho dentro

Cada passo mil sentimentos

A dança é minha vida

Feito entretenimento

Aos olhos da pátria querida

Maria e José

Canto poemas para esta terra

Pra apagar a cicatriz

Que deixou a guerra

Na alma deste país

Canto poemas para esta terra

Pra apagar a cicatriz

Que deixou a guerra

Na alma deste país

(Antes da ultima estrofe, entra a equipa da Rádio Sonho. No final do tema a directora fala para a plateia)

Directora: Bom dia senhoras, senhores e Mulembeira. Sou a directora da Rádio Sonho e esta é a minha equipa. Com a vossa permissão, queremos organizar o nosso Festival aqui no Largo Ngola, para comemoração do nosso aniversário.

Directora (declamando no formato spoken word)

Trabalhamos com afinco

Desde o ano zero

Muita informação

E entretenimento

Somos cem por cento

Criamos programas e concursos

Pra todas as idades

Somos o sonho da cidade

Luta, letra, livro, lembrança, liberdade

Amor, amizade, antena.

Carinho, canção, coerência, caridade, concurso, cor, comercial

Sonho é tudo isso e muito mais

Espalhamos o perfume

Da canção na capital

Virou costume

O nosso Festival

Descobrimos compositores

Na voz dos cantores

Directora: Quem conhece a nossa rádio levante a mão. (Todos fingem um silêncio para deixar a directora sem jeito, depois, todos levantam a mão)

Rapper: Eu adoro o programa de hip hop, é o máximo, é Top!

Menino: Adoro o programa Vem Brincar Comigo, é um verdadeiro mundo para mim e para os meus amigos.

Jovem: Adoro ouvir a voz da Suely a enfeitar o Programa Rádio Minha.

Mulemeira: Adoro viajar no Táxi Amarelo do João. Traz sempre as notícias da actualidade logo pela manhã, por isso mesmo estando presa ao solo, estou sempre bem informada.

Senhor: Bom dia, Bom dia é o meu pequeno-almoço ao domingo, um prato recheado de temas e convidados bem apetitosos para saboreá-los.

José: Eu adoro as canções, ouvia sempre enquanto trabalhava na oficina do meu Pai. Foi através da Rádio que ganhei o meu sonho. Hoje tudo que quero é ser cantor.

Directora: É por essas e por outras que continuamos a trabalhar. Descalçamos a vaidade e trabalhamos até suar. A nossa missão é realizar sonhos e levar bem alto a cultura deste povo que amamos. Fazemos por este País que nos deu o chão. Semear os nossos projectos e colher estes largos sorrisos.

Todos: Viva Angola.

José

Somos filhos

Da mesma bandeira

Puxamos a mesma corda

Aquecemos à mesma fogueira

Dançamos na mesma roda

Somos brilho

Da mesma estrela

Que ilumina este país

Nascido de terra bela

Somos fruto desta raiz

Todos

Somos água

Da mesma fonte

Junto somos

Mais fortes

Somos água

Da mesma fonte

Junto somos

Mais fortes

José

Seguimos o trilho

Da mesma cultura

Devoto da mesma tradição

Juntos pintamos a vida futura

Na tela desta nação

Todos

Somos água

Da mesma fonte

Juntos somos

Mais fortes

Somos água

Da mesma fonte

Juntos somos

Mais fortes

(A Mulembeira vai caindo aos pedaços, todos se agitam. Ouve-se a ambulância, vê-se muito movimento desordenado, a luz se despede do palco lentamente e cada um tapa com um pequeno luto a Mulembeira. O Mendigo ganha a cena com o seu piano)

Mendigo: Não se preocupem que desta vez não falo mais cem carateres: havia uma mulher dentro daquela arvore, há outras pessoas dentro de outras coisas que maltratamos, num animal, na água desperdiçada, a vida humana é diversa, e a morte também. Nesta avenida que dá para o mesmo, não podemos passar como se nunca mais regressaremos pelo mesmo caminho. (O palco escurece enquanto o medigo repete o mesmo discurso, regista-se outra vez a mudança de cenário)

7ª Cena

Irmão 1: Somos dois pássaros medrosos presos nesta gaiola. Já José é um pássaro livre mesmo com asas frágeis, não teve medo de enfrentar o vento em busca do seu sonho.

Irmão 2: A nossa casa não é uma gaiola, é o ninho em que nascemos e é aqui onde merecemos ficar. José foi apenas conhecer outros ares e outras aves. Na primeira noite que o frio e as saudades lhe baterem à porta, voltará para baixo das asas da sua família. Não tarda a rebeldia já lhe passa.

Irmão 1: Sabia melhor o tempo quando José ainda cá estava, contava sempre sobre os seus sonhos, os seus olhos ficavam verdes de tanta esperança de um dia os realizar. Trabalhávamos mais animados!

Irmão 2: Pronto, vou contar-te um sonho meu, mas que sei que nunca se irá realizar...

Irmão 1: Tenha esperança, irmão. Se José ainda cá estivesse diria: todo o sonho tem sua realização, temos de procurá-lo seja onde for. Então o que sonhaste?

Irmão 2: Sonhei que tinhas ficado esperto. (sorri para irritá-lo e sai, irmão 2 triste pega na guitarra que se encontra escondida)

Irmão 2

Tu és o combustível

Que alimentava o meu motor

Sem ti é impossível

Levar a vida sem tremor

Que o farol dos céus

Ilumine teu caminho

Lembra-te dos teus

Mano não estás sozinho

Tu és o combustível

Que alimentava o meu motor

Sem ti é impossível

Levar a vida sem tremor

Aqui o teu lugar

Se encontra vazio

Mas com a música

Estás seguro

Como pássaro no ar

Como peixe no rio

A música é o teu futuro

8^a Cena

João 2: João 1, penso de coração que devias abandonar a bebida e o tabaco, assim poupavas a saúde e o dinheiro.

João 1: Cala-te João 2, tu é quem devia parar de falar tanto, assim poupavas-me a paciência.

João 2: Só estava a tentar dar-te um conselho.

João 1: Aviso quando precisar. Sabes, o álcool e o tabaco sem eles sinto o corpo enferrujado, eles me lubrificam, então é típico de mim estes vícios, que já me esqueci da data que comecei. É como os engarrafamentos em Luanda, ou a chuva no verão.

João 2: Então deixa-me provar, é fixe pá. Fumo, fumo meu, leva essa mensagem a Deus...

O João 1 é um bom amigo

Mas às vezes odeio o gajo

Por tudo zanga-se comigo

Parece o diabo

Mas no fundo é só um anjo

João 1

És um grande idiota

Tens burrice que arrepia

Mas morro de saudade

Se não te vejo um dia

(Entra Santa pobre vendendo laranjas ao sol maduro, enquanto dançam e cantam João 1 dá encontro com Maria. A bacia de laranjas vai para o chão, enquanto ele brinca para apanhar as laranjas pelo palco, João 2 apanha duas delas, Santa corre atrás dos ladrões, eles fazem jogos com as laranjas, Santa se entrega ao desafio de apanhar as laranjas, quando só já faltavam duas, eles tem uma em cada mão, os ladrões fogem para fora do palco pela plateia, Santa os persegue e pede a ajuda do público para ter sucesso o que deve ou não acontecer, ela volta esgotada senta no palco a chorar silenciosa e a cantar).

Santa

Tu és o combustível

Que alimenta o meu motor

Sem ti é impossível

Levar a vida sem tremor

9ª Cena

Entram os bailarinos movimentando-se lentamente, com expressões de tristeza, cansaço, falta de sonhos e motivações, mostrando terem problemas demais às costas. Do fundo vem uma voz forte, dizendo o seguinte:

Voz off:

“Esta era a sociedade sem expressão, nem identidade, o povo cansado de tudo vivendo anos no mesmo sonhar sem resposta, com vontade de desistir da vida porque não havia nenhum horizonte de esperança, até que... (ouve-se uma grande explosão, os bailarinos acordam dos movimentos lentos e passam a movimento vivos)... nasce um novo pensamento, uma nova consciência, nasce o Sonho no memorável ano 1992, trazendo-nos programas, uma nova era de sonhos e realizações. Nem as dificuldades calaram a nossa comunicação, a Sonho veio acudir o povo e dar o sonho de uma Angola melhor e na nossa onda azul temos surfado com muitos parceiros a quem agradecemos de todo o bem. Passados 30 anos, não somos os mesmos porque o tempo não permite, mas continuamos com a mesma paixão que nos conduziu para a aventura da rádio, a nossa onda tal como os nossos corações, batem no mesmo ritmo de anos atrás”

(Entram os rapazes do largo Ngola a executarem instrumental à capela, com diferentes expressões. Aos poucos o ritmo muda e ouve-se o instrumental do tema de encerramento. Maria entra grávida).

José: Eramos apenas ilusões até a Rádio Sonho nos oferecer sonhos. Hoje somos artistas escrevendo e cantando um País.

Maria: Mas não somos apenas nós, há outros espalhados como estrelas no céu, a iluminarem o grande palco que é a terra.

José: Obrigado à Rádio Sonho por nos abrir a primeira porta. Em cada porta que se abrir para nós, jamais a fecharemos, deixaremos encostada para que os outros possam entrar também, como um dia entramos para esta rádio e casa.

José

Surfa para a vida

Navegando o mar

Há bom gosto

Se divirta na corrida

E sorri para a foto

Maria

Componha a sua onda

E surfa a sua maneira

Canta, dança e sonha

Antes de morrer na beira

Todos

Um barco de papel

Um barco de papel

Com coragem

Chega ao alto mar

Uma gota de mel

Uma gota de mel

Com esperança

Pode o mar adocicar

José

Cada onda é uma página

Para escrever a sua história

Ainda que feita de lágrima

Surfa até a vitória

(Maria chega ao pé do piano que o Medigo toca, conversa sem deixarem a música escapar)

Medigo: Como se vai chamar.

Maria: Pequena Mulembeira.

Medigo: E por que não grande Mulembeira?

José: Porque já a sua natureza é ser grande.

Medigo: Então porque chama-la pequena, se será grande com o tempo?

Maria: Vai-se chamar apenas Mulembeira! O tamanho do seu sonho é que vai defini-la se é grande ou pequena.

Maria

Um sonho

É como o sorriso

Nunca é velho

Não deixa de sonhar e sorrir

Ainda que mande o espelho

Todos

Um barco de papel

Um barco de papel

Com coragem

Chega ao alto mar

Uma gota de mel

Uma gota de mel

Com esperança

Pode o mar adocicar.

Fim